

## Entrevista

### A propósito da Filosofia – Diálogo entre duas gerações

*Dirce Eleonora Solis*<sup>164</sup>

*Nathan Braga Fontoura*<sup>165</sup>

**Nathan Fontoura:** Em primeiro lugar, quero agradecer imensamente por aceitar o meu convite para essa entrevista. É um prazer poder estabelecer um diálogo com você a respeito da trajetória acadêmica e profissional que construiu, bem como sobre temas em comum que nos concernem, enquanto estudiosos do intitulado “pensamento da desconstrução”, atribuído ao filósofo franco-argelino Jacques Derrida.

Professora Dirce, o seu trabalho e a sua experiência na área de Filosofia são notáveis, eu não diria que falam por si só, pois se refletem na formação de inúmeros profissionais, seja na própria Filosofia ou em outras áreas do saber. Com mais de cinquenta anos dedicados ao magistério e à pesquisa filosófica, tendo passado por diferentes instituições de ensino superior – PUC-Rio, UERJ, UFRJ, Universidade Santa Úrsula –, é admirável que o seu esforço tenha formado gerações de pensadores e contribuiu, inegavelmente, para a consolidação da área de Filosofia em nosso país, sobretudo no âmbito do Estado do Rio de Janeiro. Portanto, quero iniciar nossa entrevista lhe fazendo um pedido especial: comentar como se deu o seu primeiro encontro com a Filosofia, e por quais razões você decidiu seguir através desse difícil, entretanto, belo caminho.

**Dirce Solis:** O meu primeiro encontro com a Filosofia foi através de uma leitura informal de filósofos, tais como Platão e a sua *República*, os representantes da filosofia grega dos vários períodos, e como fiz Clássico tive a oportunidade de ter no currículo, nos seus três anos, uma carga horária relevante de Filosofia. Nessa época, nos anos 1960, já líamos obras ou passagens das obras de filósofos clássicos ocidentais, dos gregos aos modernos, e nós tínhamos algum conhecimento de Kierkegaard, Schopenhauer, Nietzsche e Sartre. No Ensino Médio da época, houve uma forte inspiração em professores que, segundo o nosso entender, nos encaminharam para continuar a Filosofia na universidade. Em minha turma do Clássico foram cinco estudantes

---

<sup>164</sup> Professora Titular do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Coordenadora do Laboratório de Licenciatura e Pesquisa sobre o Ensino de Filosofia (LLPEFIL) e Coordenadora do GT Filosofia Contemporânea de Expressão Francesa da ANPOF. Possui ampla experiência na área de Filosofia, especialmente com o pensamento de Jacques Derrida.

<sup>165</sup> Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dirce Eleonora Solis. Bolsista CAPES.

que seguiram na universidade o curso de graduação em Filosofia. No Clássico, tínhamos aulas de inglês, francês, latim e grego clássico, o que auxiliou nas leituras das obras de Filosofia cuja tradução ainda não era suficiente no Brasil. Líamos, também, comentadores de Filosofia em livros mais ou menos didáticos – muitos deles eram conservadores, mas considerados eruditos da Filosofia (Jacques Maritain, Guillermo Fraile, M. Sciacca e outros) – que nos auxiliavam no então 2º grau e nos anos da Graduação em Filosofia. Questões que impactavam a adolescência desde o Clássico eram, sobretudo, aquelas do ser, do conhecer, do existir, a epistemologia das ciências, os aforismos nietzschianos, o Ser e o nada sartriano, entre outras. Cumpre lembrar que estávamos vivendo o começo da ditadura militar brasileira (1965-1967 no Clássico; 1968-1971 na Graduação em Filosofia). Na universidade nós compartilhávamos professores conservadores e alguns mais progressistas, nessa situação bastante complicada. Guardo até hoje uma carta de um padre dominicano, nosso colega da Filosofia, que fora preso pela ditadura militar e não pôde participar, por esse motivo, de nossa formatura em 1971. Mas guardo, também, a lembrança do entusiasmo e do anseio de uma juventude reprimida pelo contexto político que adquiriu o gosto pela Filosofia e fez dela sua vida inteira.

**NF:** Inúmeros foram os seus interesses filosóficos ao longo dos anos, considerando a sua ampla experiência com a Filosofia e o seu ensino, e é realmente de se admirar a versatilidade de escolas, filosofias, pensadores, temas etc. com os quais tem trabalhado desde que iniciou os seus estudos em Filosofia no final da década de 1960. Particularmente, acredito que isso representa um traço importantíssimo que os profissionais de nossa área não deveriam perder jamais de vista, a saber, uma curiosidade pela história do pensamento, melhor dizendo, a prazerosa sede de reflexão que desconhece limites e não se sujeita a pré-conceitos, mantendo uma abertura radical para acolher outros pensamentos. Certamente, isso é algo que aprendemos com alguns filósofos, dentre eles Jacques Derrida, essa figura inigualável da história ocidental que aqui nos reúne. Desde a década de 1990, você vem dedicando uma atenção especial a esse pensador. Poderia compartilhar algo a respeito dessa decisão?

**DS:** Havia uma opção nas universidades pela formação generalista em várias áreas das humanas, e um lema que costumava acompanhar a formação universitária nos anos 1960/1970: antes de ser especialista, seja generalista, algo que estava presente na maioria das grades curriculares das diretrizes para cada curso de graduação que lidava diretamente com a questão do humano. Isso até hoje encontra-se refletido na maioria dos currículos, notadamente na Filosofia. Poderíamos abrir uma longa discussão a esse respeito, o que era pensado, sempre, quando

apareciam as tais reformas curriculares, das quais, na Filosofia, participei de várias. Mas não é o caso aqui. O fato é que, resumidamente, a posição generalista abria portas para as escolhas especialistas, e nesse sentido, creio eu, a Filosofia nunca abandonou totalmente essa perspectiva.

No entanto, há que se fazer uma ressalva: embora Ensino não se dissocie de Pesquisa (e nem de Extensão, pelo menos não deveria), o que geralmente observamos é que para realizar a pesquisa, um profissional da Filosofia escolhe uma determinada área, um determinado problema ou um(a) autor(a). E isso o especializa, pelo tempo dedicado, pelos anos de aprofundamento de temáticas autorais ou não. No meu caso específico, eu vinha me especializando em autores da Filosofia Francesa Contemporânea desde os anos 1980, e o meu interesse por Derrida surgiu, inicialmente, ao ministrar cursos de Filosofia para as áreas de Psicologia e de Estética para a Arquitetura na Universidade Santa Úrsula (USU). A partir dos anos 1990, coordenei um curso de “Especialização em Filosofia” e uma “Especialização em Filosofia e Psicanálise”, onde fui responsável pela parte de Filosofia e a professora Ângela Coutinho do CEP COP-USU pela parte de Psicanálise, o que de certo modo selou o meu interesse bastante aprofundado pelo pensador Jacques Derrida.

Convém ressaltar, ainda, que a experiência com Jacques Derrida, também nos cursos de Graduação em Psicologia e em Arquitetura da Santa Úrsula, e nos cursos de Especialização, me proporcionou um cabedal de análise das questões derridianas que me fez assumir o mote, mesmo que em tom de brincadeira, de que “tudo na filosofia começou na *Gramatologia*”, uma das obras debutantes do pensamento de Derrida. Essa proposição, tomada nesse sentido, quer dizer, não só que parecia que tudo que discutia o pensador Derrida, o por vir (*à venir*) derridiano, já estaria de algum modo antecipado nessa sua obra, mas também que o movimento de pensamento para trabalhar a Filosofia seria aquilo que, aparadas as devidas resistências, convencionou-se chamar de Desconstrução.

Então foi possível, debater, por exemplo, com estudantes de Psicologia e psicólogos em formação, além da *Gramatologia* (1967), o texto “Freud e a Cena da Escritura” presente em *A Escritura e a Diferença* (1967), que serviu como o ponto de partida para questões de “Moi – la Psychanalyse”, editado em *Psyché, Invention de l'autre* (1987), de *Mal de Arquivo, uma impressão freudiana* (1995), de *Estados d'alma da Psicanálise* (2001). Na pós-graduação foi a vez do debate sobre o “*Cartão-postal: De Sócrates a Freud e Além* (1980). Os grupos de estudos sobre Lacan que pude participar auxiliaram na discussão do pensamento lacaniano e a visão da Desconstrução, e serviram de suporte às discussões mais recentes de *A Besta e o Soberano I e*

II (2008/2010) de Derrida. Observo que estou citando os anos em que as obras de Derrida saíram pela primeira vez na França ou nas primeiras edições, e não as edições em português.

Na Arquitetura, Derrida aparece no bojo da discussão estética a partir de *Choral L Works* (1991) de Peter Eisenman e Jacques Derrida, além de outras obras que, gradativamente, foram plasmando possíveis relações entre arquitetos, pensadores da Filosofia, Derrida e a questão da Desconstrução, de onde retirei a inspiração para minha tese de doutorado sobre a desconstrução derridiana, cujo título é “Arquitetura da Desconstrução e Desconstrução em Arquitetura: uma abordagem a partir de Jacques Derrida.”<sup>166</sup>

É preciso ressaltar que a partir desse interesse comum entre a Arquitetura e a Filosofia, promovi várias exposições sobre o tema com estudantes de Graduação em Arquitetura nos anos 1990, e esse meu trabalho somado à tese de doutorado me colocou em contato com inúmeros arquitetos brasileiros, notadamente aqueles que se interessavam por Derrida, o que resultou no grupo de pesquisa do CNPQ que até hoje perdura “Arquitetura, Derrida e Aproximações”, que tem como primeiro líder o arquiteto Fernando Freitas Fuão e como segunda líder a filósofa Dirce Eleonora Solis. Este grupo, bastante atuante, congrega além de filósofos e arquitetos, estudiosos interessados de outras áreas afins, e ele se mantém, mesmo com algumas adversidades normais, realizando a cada dois anos congressos internacionais, além de publicações em coleções bastante relevantes.

**NF:** De fato, sua trajetória é impressionante, considerando o tempo de carreira que possui, assim como as inúmeras referências e os saberes que traz consigo na sua prática profissional; inclusive é necessário reconhecer seu trabalho – como de outros profissionais da área –, que resistiram na Filosofia em um período problemático de nossa história nacional, marcado por uma perseguição às chamadas “ciências humanas”, período cujos efeitos, infelizmente, ainda são sentidos em pleno séc. XXI. Além disso, é interessante notar que sua atividade filosófica esteve sempre atravessada pela interdisciplinaridade da Filosofia com outras áreas do conhecimento, como descreve na sua experiência docente em graduações de Arquitetura e Psicologia; é significativo também que essa vivência lhe propiciou uma porta de entrada para o pensamento da desconstrução, e nós sabemos que um longo caminho precisou ser percorrido até que fosse possível começar nos estudos sobre Desconstrução na área de Filosofia.

---

<sup>166</sup> Uma síntese da tese mencionada foi publicada na forma de livro em 2009 pela Editora UAPÊ em colaboração com a Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas (SEAF) sob o título “Desconstrução e Arquitetura: uma abordagem a partir de Jacques Derrida”.

Jacques Derrida foi mais do que um mero filósofo, foi um pensador. Suas contribuições ultrapassam em muito os limites estreitos e estritos do campo dito filosófico. Dentre as diversas áreas nas quais se arriscou pensar há as Artes Visuais, o Direito, a Literatura, a Psicanálise etc., só para mencionar algumas. Na sua opinião, a que se deve essa diversidade temática com a qual o filósofo franco-argelino engajou-se durante a sua trajetória intelectual?

**DS:** Não foi apenas Derrida que se preocupou, na Filosofia, com a diversidade temática. Aliás, desde os filósofos gregos, na filosofia ocidental, essa preocupação com temáticas variadas, que implicavam em problemáticas de vida e de ação, na maioria dos casos, sempre esteve em pauta. Pensemos em Sócrates, Platão e Aristóteles e tantos outros que traziam questões de suas épocas. Sempre foi assim na Filosofia. E não há especialista que, uma vez questionado, não pudesse se posicionar sobre as questões de seu mundo – uns mais, outros menos –, mas isso sempre foi uma preocupação do pensamento em geral. A discussão assume uma nova perspectiva, entretanto, quando os filósofos do *logos* e da identidade são confrontados por pensadores que não se pautam nesse privilégio logocêntrico e se colocam como pensadores da diferença.

No entanto, o campo filosófico parece que, tradicionalmente, esteve limitado ao que é a Filosofia enquanto produtora de verdades, geralmente binárias. Era como se conformavam as “partes” divisórias da Filosofia, as quais, ainda hoje, são aquelas reconhecidas pelas diretrizes curriculares dos cursos de Graduação e de Pós como áreas filosóficas propriamente ditas. Vejam como são tratadas até hoje pelo CNPQ: as principais (História da Filosofia, Metafísica, Lógica, Epistemologia, Ética) e as suas subsidiárias como complemento; “partes” pensadas em termos de uma centralidade, como o uno e o múltiplo, como referência da racionalidade e seu contrário, para não ir muito além. O domínio filosófico do pensamento onde ser = a pensar = a representar.

Ainda podemos dizer que a Filosofia sempre se relacionou com todas as outras áreas de saber, histórica ou epistemologicamente falando, investigando e dando um cunho filosófico aos problemas aventados nessas outras. E então, aparecem inúmeros pensadores que passam a dizer que para o mundo – assim como àquilo que se costuma chamar de realidade –, para a experiência hoje, não basta um tratamento binário (a Lógica disse tantas vezes isso...) ou identitário, e a partir daí as “filosofias da diferença” começam a ganhar espaço na discussão, com temáticas que antes não eram abordadas e são consideradas “mais atuais”.

Derrida, pensando a questão da diferença, chamou a atenção para as soluções fáceis da identidade, e vai se colocar na perspectiva da identificação (*O monolinguismo do Outro*, 1996), que passa a simbolizar a Desconstrução, bem como o rastro (*trace*) que é um deslocamento com relação ao traço (*trait*) logocêntrico e um desvio do privilégio do *logos* e da identidade. Adota

o termo *différance* com “a”, o jogo das diferenças, para justificar essa questão do deslocamento. E não esqueçamos a questão da espectralidade como problema trazido em grande parte das obras de Jacques Derrida, que ganhou maior densidade em *Espectros de Marx* (1993), nem tampouco da discussão fenomenológica que Derrida empreende nessa obra e sua preocupação agora como intelectual francês, mais do que argelino-francês, com a discussão da fenomenologia husserliana nas universidades francesas e em seus comentários sobre a fenomenologia (seus comentários à *Origem da Geometria* de Husserl (1962) e sua obra *A voz e o fenômeno* (1967) sobre o problema do signo na fenomenologia de Husserl, por exemplo).

Uma outra questão a pontuar é: o que é um filósofo e o que é um pensador; falamos de Filosofia ou de pensamento? Onde situar a Desconstrução nessa discussão? Questão complicada porque se poderia assumir que ser filósofo é nome somente para alguns poucos, a partir de uma certa especificidade já caracterizada historicamente tantas vezes. No entanto, pensamento serve para todos que se dedicam intelectualmente a algum assunto. Assim, a maioria dos intelectuais da diferença, mesmo abordando de forma “filosófica” problemas da Filosofia, estariam alijados de serem nomeados filósofos, sendo, portanto, reconhecidos como pensadores, ou melhor, como não-pertencentes a essa suposta “elite intelectual”. Eis uma faca de dois gumes que, em nossa atualidade, na qual qualquer expressão de conhecimento pode ser considerada “pensamento”, e dependendo de como se encaminhe, poderia estar anunciando o fim da Filosofia?

**NF:** Certamente, na Filosofia sempre houve espaço para uma pluralidade temática de conteúdos e estilos/metodologias, algo que se tornou ainda mais evidente na contemporaneidade do mundo globalizado e hiperconectado nas mais diversas mídias. Pensadores como Derrida e outros dessa geração da segunda metade do séc. XX são exímios representantes dessa diversidade estilística, eu diria, não só pelos problemas que discutiam e refletiam, mas também pela maneira como eles praticavam a Filosofia. Talvez tenhamos a infinita tarefa de repensar nossas práticas filosóficas, a fim de que não se submetam irrefletidamente aos modelos hegemônicos-homogeneizantes de Filosofia. E entendo a sua posição em relação à diferença entre “Filosofia” e “pensamento”; há, como em tudo que fazemos, certas forças operando politicamente, e por essa razão não podemos abrir mão desse nome tão importante que é “Filosofia”, mesmo que “pensamento” possa parecer mais abrangente e não restrito a uma área específica do saber humano.

Como sabemos, a obra derridiana sofreu, e ainda hoje sofre, certas resistências por parte de setores da academia filosófica. A recepção de Jacques Derrida na Filosofia é tardia

comparada à outras áreas que acolheram o seu pensamento desde as primeiras publicações. Há situações em que a simples menção ao nome “Derrida” é capaz de gerar um certo incômodo e a Desconstrução é tratada como absurdo, *nonsense*. É um tanto curioso que esse constrangimento e essas críticas partam, muitas vezes, de pessoas que são da própria área de Filosofia, as quais, presume-se, são mais “abertas” à pluralidade de ideias, perspectivas, valores etc. Por que há, até este momento, desconfiança, implicância, e mesmo temor, em relação à Derrida, principalmente entre os nossos pares?

**DS:** Na história do pensamento, o que vale não apenas para o campo filosófico em si, mas para as diversas áreas do conhecimento, é que qualquer suposta novidade pode se apresentar como possível de intranquilizar, deslocar ou mesmo destruir um determinado campo de saber, e assim ela pode ser vista como erro, como insuficiente ou como eivada de incertezas. O problema é que ninguém quer perder a hegemonia dos seus saberes ou se sentir ameaçado de não mais possuir o domínio, o privilégio. Conservar o que já se sabe ou o que se apresenta como o mais correto, ainda mais quando se trata de defender a cômoda verdade – como se ela fosse única! –, traz, ao menos, a garantia da propriedade, da centralidade do *lógos*. Se temos um certo pensamento que por trabalhar no desvio não-binário é domínio da diferença (da *différance* com “a”), com o im-possível, o indecidível, que muitas vezes traz uma espécie de abismo – o *Abgrund* de Heidegger ilustra bem isso –, é claro que ele intranquiliza o centralismo do *lógos*, é um pensamento tornado imensamente desconfortável. Então, temos: o *lógos* é o conforto da Filosofia; o desvio do *lógos*, é o seu desconforto – da Ciência, da Filosofia, de outras áreas do saber reconhecidas como bem estabelecidas; e então, aparentemente, isso pode ser entendido como absurdo ou *nonsense*. Não fosse já a literatura e/ou as artes dando conta desse universo. Mas aí pode, não? É ficção para o senso comum.

Derrida desconforta porque para ele a Filosofia pode produzir o novo, a desconstrução como acontecimento desestabiliza o velho e provoca, ou ironiza, as formas de se fazer filosofia, política ou as ciências em geral nas suas possibilidades de segurança. Lembremos mais uma vez de *Psyché, Inventions de l'autre* (1967): é uma grande provocação inventar, inventar o outro. O conservadorismo não pode deixar que isso aconteça. Mas a provocação abre, no entanto, portas para a discussão filosófica de temas e pensamentos outros, como por exemplo, o debate sobre o gênero, o racismo, o feminino, as mulheres, os pensamentos dos povos originários considerados não-filosóficos, a desconfiança das origens, e muitas outras temáticas que não são consideradas tão usuais para o pensamento filosófico tradicional, o que pode criar vários níveis de resistência.

**NF:** Derrida, assim como Nietzsche e outros, é realmente um pensador singular que desestrutura as bases do antigo edifício metafísico ocidental, e nem todos estão preparados para lidar com a instabilidade no pensamento racional. Nesse sentido, deveríamos tentar ver o que está para além de uma certa visibilidade que só nos permite visualizar aquilo que aparece sob uma determinada luz. Ao desestabilizar, provocando, a habitual textualidade da Filosofia Ocidental, Derrida abriu espaço para possíveis questionamentos invisibilizados.

Atualmente notamos um incentivo maior em departamentos brasileiros de Filosofia pela inclusão de outras maneiras de pensar, para além do cânone filosófico da tradição eurocentrada, logocêntrica, ocidental. Enquanto pensador que sempre esteve às margens da tradicionalidade, Derrida parece beneficiar-se dessa abertura, embora possamos dizer que, em parte, e ao mesmo tempo, ela tenha sido proporcionada pelos seus esforços. No decorrer das duas últimas décadas, nós vimos crescer o interesse pelo pensamento de Jacques Derrida em nosso país, sobretudo na cidade do Rio de Janeiro. Decerto, isso é fruto de um trabalho extenso e duradouro de divulgação e ensino da Desconstrução realizado por um exímio grupo de pessoas no qual você está incluída, junto do Paulo Cesar Duque-Estrada (PUC-Rio), do Rafael Haddock-Lobo e da Carla Rodrigues (UFRJ), do Marcelo Moraes (FFP/UERJ), só para citar alguns. O resultado disso é nítido quando contabilizamos o número crescente de orientações e publicações que tratam de Derrida, surgidas nessas duas décadas anteriores. Como você percebe essa mudança? Penso que é peculiar ter se formado, não-sistematicamente, uma espécie de “núcleo carioca” em torno de Derrida, algo que, na Filosofia dos dias atuais, não vimos acontecer em nenhum outro lugar do mundo.

**DS:** Bem, não foi uma trajetória fácil, nem imediatamente palatável, para os círculos filosóficos brasileiros assumir o pensamento de Jacques Derrida. Foram inúmeras as vezes que esse grupo citado por você teve que justificar, desde o início, o que era o pensamento do autor, o porquê da Desconstrução, o que eram os quase-conceitos, os operadores da Desconstrução. Na verdade, o pensamento de Derrida era, anteriormente, muito mais estudado pelos pesquisadores da área de Letras e da Linguística que pela Filosofia. Mas aqui já há uma grande afinidade com as questões filosóficas. Nos anos 1970, ainda possui muito mais aderência, também, em áreas não filosóficas tal como a Arquitetura e nesse caso o pensamento de Derrida, e o que passa a ser conhecido por Desconstrução, mereceria uma atenção bastante especial: a diferença entre a Desconstrução e o Desconstrutivismo na área de Arquitetura, o interesse pelas questões desconstrucionistas pelos arquitetos, a preocupação não apenas com a dimensão estética, mas

ético-política por essa área, voltada para os deslocamentos próprios à Desconstrução; os famosos Choral Works que trazem o pensamento de Derrida para essa área na relação com Peter Eisenman; os trabalhos de Bernard Tschumi e o projeto desconstrucionista para o Parc de La Villette; os posicionamentos de Frank Gehry, arquiteto canadense, de Zaha Hadid, arquiteta iraquiano-britânica, e outros, colocaram a Desconstrução derridiana em proeminência na Arquitetura, antes dela aparecer na Filosofia.

Quando Derrida surge nos departamentos de Filosofia, nos anos 1980 e 1990 – embora já existissem pensadores da Filosofia estudando isso –, quando a chamada Desconstrução vai se legitimando nesses departamentos, a Filosofia encontra um espaço fértil para suas elaborações. E, então, no Brasil aparecem esses nomes importantíssimos que você cita, e outros. O “núcleo carioca”, se através dele o pensamento derridiano se dissemina, não discute somente Derrida. Faz sempre passagem por autores clássicos, e por outros autores da Filosofia Contemporânea. Além disso, como estabelecemos relações com muitas áreas do saber, já anteriormente citadas, o pensamento derridiano se dissemina por elas, e reconheçamos: isso deu margens, pelas suas noções de deslocamento, de desvio, de in-decidibilidade, dentre outras, a que outras escrituras pudessem ser melhor discutidas na Filosofia, com a adesão aos pensamentos e pensadores não-ocidentais, com a possibilidade, também, de trazer pensamentos originários, sua espacialização colocada para a Filosofia, e com relação à atualização de preocupações mais antigas que já eram trazidas, por exemplo, pelas Ciências Sociais (Antropologia, Sociologia), repito: as mulheres, o feminino, o racismo, as questões de gênero etc., que começam a possuir um espaço privilegiado de discussão na área de Filosofia). Há que ressaltar, ainda, que em função de nossa relação com a Arquitetura, o Brasil é o único lugar do mundo que possui o núcleo de pesquisa anteriormente já citado por mim (Arquitetura, Derrida e Aproximações).

**NF:** É lugar-comum na história do pensamento ocidental tratar Derrida como um filósofo difícil, mesmo entre “derridianos”. Sem sombra de dúvidas, a leitura dos seus textos é complicada para quem não está familiarizado com seu estilo único e as suas noções filosóficas (conhecidas como *indecidíveis* ou *quase-conceitos*, ou como você prefere, os *operadores da desconstrução*). Além disso, Derrida está o tempo todo confrontando-se, criticando, referenciando aspectos da tradição filosófica na qual ele está inscrito, ou seja, temos que ler e conhecer as diferentes heranças com as quais dialoga, para não ficarmos em desvantagem em relação aos seus textos.

No meu caso, recorri aos comentadores de seu trabalho, porque tive a necessidade de me familiarizar com os contextos das questões que eram propostas pelo filósofo franco-

magrebino. Outro caminho que recomendo sempre aos amigos interessados é iniciar pelas entrevistas como *Posições*, a título de exemplo, pois tenho a impressão de que nesses diálogos Derrida revela-se menos ensaístico e possui a tendência de expressar-se mais “objetivamente”. Dito isso, pergunto se Derrida é, verdadeiramente, um filósofo difícil – alguns até diriam impossível – ou os leitores apressados/precipitados não possuem a diligência e a paciência necessárias para lê-lo?

**DS:** Temos que pensar inicialmente que uma das tarefas mais difíceis para o pesquisador não é dizer o que a Filosofia é, e nem apenas construir discursos explicativos, apresentar argumentos confiáveis e/ou não contraditórios, o que já é muito complicado. E embora, no caso de Derrida existiram muitas interpretações equivocadas de seu “Não há nada fora do texto”, a Filosofia não é apenas um texto, mas um texto que é ele mesmo contexto, ou melhor, é uma busca de sentido. A dificuldade está, então, em compreender “qual é o sentido implicado em se fazer Filosofia?”

Em termos de aprofundamento de uma questão, a perspectiva que a Filosofia abre pode ser infinita, eu diria, constante, diária. Ou porque o texto não diz tudo, ou porque a interpretação é suficiente de um lado, mas por outro lado ela é insatisfatória, ou porque é possível – e aí entra o Derrida – pensar as suas indagações no sentido do desvio, do por vir, quando estas se colocam à margem da centralidade ou do privilégio de um certo tipo de *lógos*. Porém, não vejo esse autor ora mais ensaístico, ora menos. Para mim, é sempre ensaístico, mesmo quando aborda questões nas quais parece que ele argumenta apenas em função dos logocentrismos que se lhe apresentam. Esse movimento de por um lado e por outro, ou isto ou aquilo, a possibilidade do talvez... São garantias para que o ensaio se mantenha como retórica no sentido dado por Derrida; não há nada que desabone o pensamento por isso. Discutir se há retórica, ou metáforas, em um determinado pensamento para procurar eliminá-los é preocupação do logocentrismo e não da Desconstrução. Derrida nunca viu nenhum filósofo sem retoricidade, mesmo quando supostamente eles atacam a retórica. Agora, dificuldade todo e qualquer pensamento pode ter, mesmo o menos obtuso, isso depende de quem o lê ou o interpreta.

**NF:** Essa seria, na minha opinião, uma das grandes lições aprendidas com Derrida, a saber: que a Filosofia pode ser lida, relida, repensada de diferentes maneiras; que a Desconstrução propicia novos olhares sobre as estruturas logocêntricas historicamente sedimentadas, considerando uma ausência radical de fundamentos últimos que configuram e formam o real. E, nessa perspectiva, inscreve-se a questão do estilo – isto é, dos estilos, no plural –, discutida, sobretudo, em *Esporas*

(1976); aqui, Derrida propõe uma pluralidade estilística, inspirada na filosofia nietzschiana, que não se traduz em metodologias ou outras formas preestabelecidas do filosofar. Não se trata mais de adequar/ajustar conteúdo e forma reciprocamente, e sim compreendermos que ao (d)escrever estilisticamente alguma coisa, altera-se, significativamente, o objeto (d)escrito. Então é possível repensar, talvez, tudo que Derrida disse/escreveu como sendo da “ordem” do ensaio, da retórica, como escolhas estéticas e/ou estratégias ético-políticas que deslocam a Filosofia de suas típicas zonas de conforto textuais.

Derrida faleceu em outubro de 2004, portanto, no ano de 2024 marcaram-se exatos vinte anos desde a sua partida, tendo sido ele o último de uma geração – que compreende nomes como Althusser, Deleuze, Foucault, Lyotard, entre outros – a nos deixar. Há quem diga que Derrida é página virada na História da Filosofia, considerando que seu falecimento marcou o início do fim de uma era para a Desconstrução no cenário midiático-político mundial e que os seus constantes esforços em desconstruir as bases do edifício metafísico do Ocidente não foram suficientemente bem-sucedidos. Penso que nada disso seja verdade, pois sabemos que Derrida jamais teve como propósito pôr abaixo a construção milenar da metafísica ocidental – pelo contrário, muitas vezes ele prezava pela salvaguarda dessa tradição, e por tudo aquilo que nos legou como contribuição filosófica. Além disso, Derrida possui uma obra extensa que ultrapassa uma centena de escritos, publicados e não publicados, logo, é insensato afirmar que o tempo da Desconstrução já passou, uma vez que ainda há muito o que explorar a partir dela. Nesse sentido, lhe pergunto: como nós poderíamos pensar a atualidade do pensamento derridiano? Onde ela se inscreve?

**DS:** Acho muito estranhas essas afirmações, se elas vêm dos filósofos. Em geral, eu perguntaria: qual seria o sentido de estudarmos, ainda hoje, Platão, Aristóteles, Agostinho, Tomás de Aquino e outros, se suas questões fossem consideradas defasadas com relação ao mundo contemporâneo e só significassem uma perspectiva histórica para a Filosofia? E Descartes, Leibniz, Spinoza, se os problemas filosóficos trazidos por eles carecessem de uma possível atualização? E talvez não pudéssemos também falar de Kierkegaard, Schopenhauer, Nietzsche, Husserl ou Heidegger? E se ousássemos dizer que não existe mais nenhuma possibilidade de trabalhar com o pensamento logocêntrico no mundo de Inteligências Artificiais? Não estariam defasados? Por que a Filosofia ainda insiste neles? Vejam, não se trataria de concordar com as concepções de cada um, nem de apontar que há neles retrocesso ou não, mas de legitimá-los como possíveis respostas à questões que nos impactam atualmente. Filosofias da identidade são tranquilamente aceitas, mas aquelas da diferença, não? Se fôssemos indagar a atualidade de

cada um desses pensamentos e, também, aqueles discutidos pela Desconstrução, há que medi-los pela sua defasagem ou pela atualidade? Derrida pensou – ou deu margem, se preferir – para pensarmos grande parte dos problemas que atingem a humanidade em nossa época, e de um modo que pode assustar o conservadorismo do pensamento, e por isso é um pensamento que obsidia e assombra. Penso, então, que na Filosofia não há o caso do pensamento porque não trabalhamos com modismos, e sim com a possibilidade de envolvimento da Filosofia e de seu fazer com o mundo e a vida.

**NF:** Parece que hoje, mais do que nunca, nós precisamos recuperar o lugar e o papel de destaque que a Filosofia ocupou outrora, e isso diz respeito ao projeto de um mundo no qual desejaríamos viver. Em vista disso, a Filosofia não deveria permanecer sendo tratada como um artigo de luxo, exclusivo para poucos iniciados que têm o privilégio de usufruí-la, ou, o que eu considero muito pior, como uma coisa dispensável, insignificante, que não teria mais chances nesse mundo atual. Ambas possibilidades me parecem terríveis, entretanto, por outro lado, elas nos obrigam a reagir diante de posições reacionárias, retrógradas, ultraconservadoras. É necessário prosseguir com o trabalho de base, seja na educação básica ou no ensino superior, seja através de diferentes meios de comunicação, e existem hoje uma infinidade deles! Mais que isso: devemos insistir para que nossos estudantes voltem a ler com afinco, dedicação, não apenas as filosofias que, de imediato, lhes interessam, mas também os grandes clássicos da história do pensamento que jamais poderão ser desprezados ou relegados à certa secundariedade.

Diversas questões ocuparam Derrida no decorrer de aproximadamente quarenta anos de vida acadêmica, incluindo reflexões sobre as escolas, as universidades e a importância do ensino de Filosofia nas nossas sociedades para as futuras gerações. O histórico da Filosofia em um país como o Brasil mostra que esta disciplina sempre se encontrou num lugar de disputa institucional e política, seja para permanecer como disciplina obrigatória nos currículos mínimos da educação básica – o que é essencial para a sobrevivência dos profissionais na área – ou simplesmente para preservar a sua relevância como uma área indispensável do saber humano. Costuma-se dizer que “a educação é uma luta”, vemos inúmeras pessoas levantarem essa “bandeira” mundo afora. Eu, particularmente, não gosto desse *slogan*, porque, na minha opinião, a educação não deveria ser sinônimo de sofrimento por parte de estudantes e professores, afinal, é um direito fundamental inalienável de todos, devendo ser respeitado em quaisquer circunstâncias. Com isso, afirmo que ela não pode ser negociável ao ponto de ter sua qualidade, oferta e gratuidade diminuídas. Ainda assim, aconteceu novamente a redução da carga horária de Filosofia no ensino básico brasileiro, um problema que afeta desde os alunos

e o professor do ensino médio, até aqueles que estão no ensino superior, que, por sua vez, torna a sofrer com a baixa procura de interessados em ingressar na área. Quais seriam suas perspectivas para o futuro da Filosofia no Brasil diante de um cenário como esse? Podemos reverter esta situação?

**DS:** Essa é uma longa conversa que não envolve somente o pensamento de Derrida, porém hoje trabalhamos muito em nossas entidades para garantir o ensino e a permanência da Filosofia em todos os níveis da educação no Brasil, desde o ensino fundamental até às universidades. Temos, também, várias instituições em defesa da Filosofia que sempre se preocuparam e que continuam nessa tarefa de defesa do ensino de Filosofia: a Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas (SEAF), pioneira na luta pela garantia do ensino e da pesquisa em Filosofia no Brasil desde sua fundação em 1976; a Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF) que, desde 1983, tenta garantir a difusão das pesquisas filosóficas, e também o seu ensino pelo Brasil afora; as associações formadas recentemente, de nível nacional e regional, que discutem a difusão e a manutenção da Filosofia no ensino básico, como a Associação Brasileira de Ensino de Filosofia (ABEFil) e a Associação de Professoras e Professores de Filosofia do Rio de Janeiro (APROFIL-RJ), entre muitas outras.

Quanto a Derrida, lembremos que ele foi sempre um defensor do direito à Filosofia para todos os povos do planeta. Em seus escritos sobre essa questão, intitulado *Do Direito à Filosofia (Du droit à la philosophie)* de 1990, ele nos dá mostras de que é importante garantir o ensino de Filosofia na educação, desde a França. A área da educação no Brasil começa a se interessar pelo pensamento de Derrida a partir daí, mas, também, considerando o que ele coloca como essencial para o ensino: a questão da *différance*, da alteridade e do monolinguismo; a possibilidade de se discutir o colonialismo filosófico do pensamento; a recepção, ou a exclusão, das ditas potências hegemônicas do mundo, principalmente as europeias; as populações sem teto e sem documentos (a questão dos excluídos, dos exilados), a questão da hospitalidade e da *hostipitalidade* (onde se discute o *Unheimlich*, também) etc. Essas são questões que implicam um novo modo de se fazer Filosofia. Reverter a pouca atenção dada à Filosofia nas escolas sempre foi um processo de luta. Nunca na história da educação brasileira nós deixamos de lutar por ela e continuamos até hoje. Continuaremos inspirados, também, em Derrida.

**NF:** Mais uma vez, professora Dirce, muito obrigado por aceitar participar desse diálogo e pelas valiosas considerações.